

Houthis tomam porto, guerra avança e petróleo dispara

Com isso, o preço do barril referencial ultrapassou os US\$ 105

/ ORIENTE MÉDIO

Os rebeldes pró-Irã houthis tomaram nesta quinta-feira o porto de Mokha do controle do governo do Iêmen, com o qual travam uma guerra civil desde 2014. Em retaliação, sofreram ataques aéreos da Arábia Saudita na província de Taiz, onde fica Mokha. Riad apoia o governo iemenita no conflito, que estava congelado desde 2022. Com isso, a guerra civil se amplia, com reflexo direto no preço do petróleo, que voltou a disparar.

Isso ocorre porque Mokha, também chamada Mocha, é uma cidade estratégica para ampliar o controle do tráfego marítimo no estreito de Bab el-Mandeb, um pouco mais ao Sul do porto.

Desde julho, quando retomaram as hostilidades mais abertas na região, os houthis têm tentado aplicar um embargo ao porto saudita de Yanbu, no mar Vermelho. Ele vinha sendo utilizado para escoar até 70% da produção de petróleo de Riad, segundo maior produtor da commodity no mundo, devido à obstrução da via pelo Estreito de Ormuz, foco do conflito entre Estados Unidos e Irã.

Com a ameaça, o preço do barril referencial de contratos futuros Brent subiu mais de 4%, ultrapassando os US\$ 105. É péssima notícia para Donald Trump, que prometera na véspera ver o conflito no Oriente Médio encerrado logo após as eleições parlamentares de novembro.

O problema para o america-



SCOTT OLSON/GETTY IMAGES VIA AFP/JC

Conflito aumenta o preço dos combustíveis e pressiona os EUA

no preocupado com o impacto da inflação de combustíveis sobre o ânimo do eleitorado já hostil à guerra é que, mesmo que ele chegue a uma improvável acomodação com os iranianos, os houthis seguem agenda própria.

Apoiados pelo Irã, eles expulsaram o governo da capital Sanaa em 2014 e lutaram uma encarniçada guerra civil contra os rivais, que têm a Arábia Saudita como aliada.

Em julho, as forças governamentais com apoio de Riad passaram a bloquear o espaço aéreo da capital sob controle rebelde, rompendo uma trégua informal vigente desde 2022. Com isso, os houthis voltaram a atacar os sauditas e decretaram o bloqueio naval.

Ele não foi tão eficiente quanto a disrupção provocada pelo Irã no Estreito de Ormuz, que levou o tráfego diário de navios cair para

12 nesta quinta, menos de 10% da média registrada em dias movimentados antes da guerra.

Em Bab el-Mandeb, segundo a consultoria Kpler, transitaram nesta quinta 27 navios - ainda assim, menos que os 36 da média de agosto e os mais de 50 antes da crise.

O comando houthi disse que não irá ameaçar navios que não estejam indo ou voltando de portos sauditas no mar Vermelho. É um recado principalmente para os chineses, aliados do Irã, cujo tráfego comercial de exportações rumo à Europa passa prioritariamente pela região.

Na quarta, eles haviam alvejado cidades do sul saudita, forçando o fechamento de aeroportos. A escalada contra alvos do antigo regime de Sanaa sugere uma ampliação da guerra civil no país.

riquecido. “Para ser muito franco, não vejo isso acontecendo tão cedo”, afirmou sobre uma eventual retomada do acesso.

Grossi disse que esse cenário ajuda a explicar a decisão do Conselho de Governadores da AIEA de encaminhar o caso ao Conselho de Segurança da ONU. Segundo ele, a medida representa mais um sinal de “frustração” dos integrantes da agência com a falta de colaboração de Teerã após sucessivos pedidos para que o país reabrisse suas instalações aos inspetores.

O chefe da AIEA também confirmou sinais de movimentação em Pickaxe Mountain, complexo

de túneis construído pelo Irã para proteger instalações de eventuais ataques. “Há algumas indicações de que existe movimento em torno desse canteiro de obras”, afirmou. Ele ressaltou, porém, que a agência não tem informações concretas sobre atividades realizadas no local e nunca inspecionou o complexo.

O diretor-geral ainda alertou que o aumento dos conflitos internacionais pode levar mais países a reconsiderar a opção por armas nucleares. Um mundo com 18 ou 25 Estados nuclearmente armados tornaria seu uso “100% garantido”, disse. “Isso é algo que precisamos evitar a todo custo.

Zelensky visita o Canadá em busca de mais apoio militar à Ucrânia

/ GUERRA NA UCRÂNIA

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky esteve no Canadá nesta quinta-feira para conversar com o primeiro-ministro canadense, Mark Carney. O objetivo é garantir apoio futuro no conflito contra a Rússia.

Kiev está sob pressão da guerra aérea de Moscou, que usa mísseis balísticos e drones movidos a jato para atravessar as defesas. Os ataques russos têm como alvo a rede elétrica ucraniana antes da chegada do inverno no Hemisfério Norte, o que, segundo as autoridades ucranianas, faz parte de uma campanha para desanimar os civis.

“O principal foco será apoiar a Ucrânia na proteção de nossos céus e na preparação para o inverno. Discutiremos como fortalecer nossa resiliência, apoiar nosso povo e garantir que a Ucrânia tenha as capacidades necessárias para se defender”, acrescentou.

O Canadá e países europeus estão enviando suas próprias armas à Ucrânia e também comprando armas americanas para

Kiev por meio da chamada Lista de Requisitos Prioritários da Ucrânia. No governo Trump, os EUA pararam de doar armas à Ucrânia.

“O Canadá tem fornecido consistentemente apoio concreto à Ucrânia, e esta visita tem como objetivo levar essa cooperação adiante”, escreveu o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Andrii Sybiha, que também participa da viagem, em uma publicação no X.

Os recentes esforços de Washington para interromper a guerra, que já dura mais de quatro anos, não tiveram nenhum avanço significativo, embora seja esperado que as negociações mediadas pelos EUA entre delegações de Moscou e Kiev continuem.

Zelensky chegou a Calgary, na província de Alberta, na noite de quarta-feira, um dia após seu voo da Moldávia para a Noruega ter sido atrasado quando as autoridades fecharam o espaço aéreo moldávio devido à presença de drones. A batalha de drones entre Moscou e Kiev cresceu consideravelmente desde a invasão da Rússia, em fevereiro de 2022.

Trump promete pagar eleitores caso republicanos obtenham maioria

/ ESTADOS UNIDOS

O presidente Donald Trump prometeu pagar US\$ 5 mil a cada adulto americano, caso o partido Republicano obtenha maioria na Câmara e no Senado nas eleições de meio de mandato, em novembro. A declaração foi feita durante um discurso do partido Republicano, em Dallas, no Texas, na noite de quarta-feira. O presidente creditou a iniciativa ao “grande sucesso econômico” do país.

Se os republicanos conquistarem a Câmara e o Senado, farei pagamento de US\$ 5 mil a cada adulto dos EUA. Emitirei um dividendo para cada cidadão. Vamos chamar de ‘The Trump Dividend’ (O Dividendo de Trump, em tradução livre)”, afirmou. Trump disse ainda que não quer que os beneficiários gastem o montante “no Canadá, na China ou na Alemanha” e ressaltou: “Agora, tudo o que temos que fazer é vencer”.

Dados estatísticos oficiais mostram que existem cerca de 245 milhões de cidadãos americanos com 18 anos ou mais, o que significa que o dividendo prometido pelo mandatário pode custar apro-

ximadamente US\$ 1,2 trilhão.

No evento, Trump disse ainda que os preços do petróleo cairão “assim que a guerra contra o Irã terminar”. Não há, porém, sinais de redução nas hostilidades entre os Estados Unidos e o Irã, que voltaram a trocar ataques nos últimos dias.

“Estamos vencendo a guerra, estamos controlando o Estreito de Ormuz”, disse, ao defender a mudança do nome da importante rota marítima para “Estreito de Trump”. “A liderança do Irã vai amar isso.” Ainda em relação ao conflito, Trump reiterou que Teerã não pode ter armas nucleares e minimizou as críticas sobre ter iniciado a guerra, que já se estende há mais de seis meses.

Além dos preços do petróleo, Trump mencionou a queda nos preços dos ovos e dos alimentos em geral, que “estão caindo rapidamente”. O presidente americano ainda mencionou que há “mais pessoas trabalhando hoje em dia do que nunca” e que o mercado financeiro está “batendo recordes”. O republicano celebrou os 65 bilhões de petróleo da Venezuela adicionados ao estoque americano.

AIEA perde visibilidade sobre programa nuclear do Irã

O diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), Rafael Grossi, afirmou que a entidade está perdendo conhecimento sobre o programa nuclear do Irã diante da falta de inspeções e não espera recuperar acesso às instalações do país no curto prazo.

“Não estamos recebendo nenhuma cooperação do Irã”, disse Grossi à Bloomberg TV. Segundo ele, a interrupção das inspeções provoca perda de “memória institucional” e de continuidade no acompanhamento do programa, em um momento em que o país mantém grande quantidade de material e urânio altamente en-